

## Crítica ao socialismo utópico

HARVEY, David. *Para entender o capital – Livro I*. Trad. Rubens Enderle. São Paulo : Boitempo Editorial, 2013.

“Três grandes tradições intelectuais inspiram a análise realizada n’*O capital* e todas receberam de Marx, que era profundamente comprometido com a teoria crítica, uma análise crítica. (...) O método crítico toma o que os outros disseram e vislumbra e trabalha com esse material a fim de transformar o pensamento – e o mundo que ele descreve – em algo novo. Para Marx, um conhecimento novo surge do ato de tomar blocos conceituais radicalmente diferentes, friccioná-los uns contra os outros e fazer arder o fogo revolucionário. E é o que ele faz n’*O capital*: combina tradições intelectuais divergentes para criar uma estrutura completamente nova e revolucionária para o conhecimento” (p. 14).

Segundo Harvey, ele processa tal crítica a partir de três referenciais teóricos: a filosofia grega, a economia política (do século XVII até meados do século XIX) e o socialismo utópico.

Falaremos do debate travado a partir desta última corrente, na medida em que já fizemos alguma referência aos gregos (em especial Aristóteles, na questão da forma e essência e de ato e potência) e muita referência à economia política (em especial, Adam Smith e David Ricardo, em “A riqueza das nações” e “Princípios da economia política e da tributação”).

E, apesar do surgimento do socialismo utópico na Inglaterra (Thomas More e Owen), será na França que o socialismo utópico terá grande repercussão, além de seus maiores expoentes, a saber: Saint Simon, Fourier e Proudhon.

N’*O capital*, vemos, por exemplo, algumas referências a socialistas utópicos: nota de rodapé da p. 144 (Proudhon e Gray); nota de rodapé de p. 151 (Owen); notas de rodapé de p. 158 e 159 (Proudhon) e notas de rodapé de p. 169 e 170 (Owen).

RUSS, Jacqueline. *O socialismo utópico*. Trad. Paulo Neves. São Paulo : Martins Fontes, 1991. - Embora tenha algumas restrições a esta obra, acredito que as descrições dos pontos principais dos diversos utópicos foram apresentadas adequadamente, sem que fosse corrompido o núcleo de seus entendimentos do mundo.

Da mesma forma, gosto das indicações da origem do pensamento, bem como de suas influências nos dias atuais. Deve-se constatar que, a despeito de descrever as ideias dos principais autores do socialismo utópico inglês e alemão, o centro das análises é o francês – que mais de perto nos interessa, já que foi o que mais evoluiu como um todo (embora não muito orgânico, como de resto o é o socialismo utópico em geral) - RUSS, Jacqueline. *O socialismo utópico*. Trad. Paulo Neves. São Paulo : Martins Fontes, 1991.

Após RUSS, Jacqueline (*O socialismo utópico*. Trad. Paulo Neves. São Paulo : Martins Fontes, 1991) mostrar a influência em discursos de políticos dos anos 80/90, nas artes e na gastronomia, diz que “todos esses exemplos nos mostram, indubitavelmente, que o socialismo utópico francês faz parte do nosso passado e de nosso presente, inextricavelmente unidos” (p. 3).

PRIMEIRA GRANDE CRÍTICA PRESENTE NO SOCIALISMO CIENTÍFICO AO SOCIALISMO UTÓPICO - Não obstante, há alguma incompreensão, segundo a autora, sobre o tema. Por exemplo, a crença de que o socialismo utópico seria mero prefácio do socialismo científico. Mostra que não se trata de mero apêndice ou mero antecedente histórico (até porque muitas das obras de ambos são concomitantes). A verdade é que o socialismo científico assim o reconhecido por alguns pela ideia de ciência que traz, muito combatida e, para alguns, superada em contraposição ao elemento essencialmente utópico do outro socialismo. Aqui há o debate de ciência. No entanto, ainda que assim não o seja, a primeira crítica de Marx já está presente: a ausência de um método para compreensão da sociedade capitalista e o excessivo cuidado da análise com a sociedade futura, que virá. Ao postular o método, materialismo histórico-dialético, o socialismo dito científico dá um passo adiante em relação ao utópico, sendo que mais que seu apêndice ou prefácio, os dois passam a se afastar radicalmente. Portanto, este o primeiro elemento crítico para a formatação de uma crítica radical – que acompanha, embora na construção da teoria do valor trabalho, a crítica marxista aos economistas políticos. Enquanto os segundos tendem a eternizar a sociedade capitalista, os primeiros eternizam sociedades utópicas e também sem base histórica para a sua existência.

Algumas questões históricas -

Muitos socialistas históricos produziram suas obras concomitantemente às de Smith e de Ricardo. Portanto, não há antecedência histórica entre o socialismo utópico e a economia política (RUSS, Jacqueline. *O socialismo utópico*. Trad. Paulo Neves. São Paulo : Martins Fontes, 1991).

Da mesma forma, há textos do socialismo utópico que foram escritos ao mesmo tempo em que estavam sendo redigidas obras de Marx. Aqui basta lembrar o debate sempre constante entre Marx e Proudhon, por exemplo.

É interessante notar que a despeito da Revolução Industrial ocorrer ter como centro a Inglaterra, foi na França que o socialismo utópico mais teve sucesso (um certo tanto pela Revolução Francesa e também pelas limitações de seus avanços aos mais pobres). Veja-se a menção de Engels no *Anti-Düring* (do qual se extraiu, a pedido de Paul Lafargue, três capítulos, para texto intitulado “Do socialismo utópico ao socialismo científico”):

“Vimos, na introdução, como os filósofos franceses do século XVIII, que abriram o caminho para a revolução, apelavam para a razão como único juiz de tudo quanto existe. Pretendia-se instaurar um Estado racional, uma sociedade ajustada à razão, e tudo quanto contradissesse a razão eterna deveria ser enterrado sem a menor piedade. E vimos também que na realidade essa razão eterna não era senão a inteligência idealizada do homem de classe média daqueles tempos, do qual haveria de sair, em seguida, o burguês. Por isso, quando a Revolução Francesa tentou criar essa sociedade nacional e esse Estado da razão, viu-se que as novas instituições, por muito que se destacassem das antigas, ficavam ainda longe da razão absoluta. O Estado da razão fracassara ruidosamente” (início do capítulo I – traços históricos – da parte III – socialismo).

E mais a seguir: “Numa palavra, comparadas com as brilhantes promessas dos racionalistas, as instituições políticas e sociais, instauradas pela ‘vitória da razão’, deram como resultados umas tristes e decepcionantes caricaturas. Só faltava mesmo que os homens pusessem em relevo o seu desengano. Esses homens surgiram nos primeiros anos do século XIX. Em 1802, foram publicadas as Cartas genebrinas de Saint-Simon; em 1808, Fourier editou o seu primeiro livro, embora as bases da sua teoria já datassem de 1799; em 1 de janeiro de 1800, Robert Owen assumiu a direção da empresa de New Lanark” (Idem, trecho final do primeiro parágrafo).

Ao lado dos socialistas utópicos, devemos destacar os “socialistas ricardianos”. Estes, como Thomas Hodgskin, além de utilizar as teorias de David Ricardo para criticar o liberalismo então nascente, acreditavam na igual repartição das riquezas nacionais decorrentes do valor trabalho entre as três classes (os trabalhadores, os proprietários da terra e os capitalistas). Lembre-se que, em Ricardo, não aparece uma crítica contundente à divisão não igualitária, com os capitalistas recebendo mais – os trabalhadores recebem o salário, que, em tese, seria o preço natural do trabalho, coincidindo com o necessário para a sobrevivência e a perpetuação de sua descendência (p. 81 da obra “Princípios de economia política e tributação). No entanto, Ricardo relaciona o preço de mercado do trabalho com a oferta e demanda da força de trabalho: “O trabalho é caro quando escasso, e barato quando abundante” (p. 81). Assim, a despeito de perceber que o salário pode ser inferior ao necessário para a verdadeira cobertura das necessidades dos trabalhadores, Ricardo é terminantemente contra leis que favoreçam os pobres e de natureza assistencial. Diz que “restringindo gradualmente a esfera de operação das leis dos pobres, transmitindo-lhes o valor da independência e ensinando-lhes que não devem esperar a caridade casual ou sistemática, mas apoiar-se em seu próprio esforço para manter-se, e mostrando-lhes também que a prudência e a previsão não são virtudes desnecessárias nem inúteis, alcançaremos pouco a pouco uma condição mais segura e mais forte” (p. 88)

ALGUMAS ANOTAÇÕES REFERENTES AOS PRINCIPAIS SOCIALISTAS UTÓPICOS (RUSS, Jacqueline. *O socialismo utópico*. Trad. Paulo Neves. São Paulo : Martins Fontes, 1991):

**ROBERT OWEN –**

Herdeiro do iluminismo, contrário ao método revolucionário pela violência e credor da revolução pela razão (que não se concretizou de forma efetiva na Revolução Francesa, com visto em Engels):

“O espírito humano, que até o presente e por toda parte esteve envolvido nas trevas da mais grosseira ignorância e da superstição, deve finalmente ser esclarecido” (OWEN, “Mensagens aos habitantes de New Lanark”, p. 8).

O homem é extremamente determinado pelas circunstâncias, sendo assim há que se agir sobre estas circunstâncias: “O homem é um ser composto, cujo caráter é formado de sua constituição ou da organização que ele traz ao nascer e dos efeitos das circunstâncias exteriores” (OWEN, “Livro do novo mundo moral”, p. 21). OBRA DE 1836.

Busca de religião racional: “A verdadeira religião consiste unicamente na aquisição do conhecimento verdadeiro e em sua aplicação à prática, de acordo com os fatos e as leis da natureza humana” (IDEM, p. 34)

“O trabalho é fonte da riqueza, padrão do valor. Produzir além das necessidades humanas seria coisa fácil, num sistema fundado cientificamente. Não há limites à criatividade humana. O princípio do lucro e a economia egoísta são os únicos responsáveis pela limitação dos recursos. No novo mundo social, a distribuição se tornaria simples e racional. As artimanhas, fraudes, competições e mentiras da sociedade atual desapareceriam. Enfim, a ciência da educação e do governo se confrontaria às leis do real e à felicidade dos homens. Em sua, religião e ciência social devem comunicar aos homens a ideia de que eles próprios não formam sua vida, nem suas convicções, nem seus sentimentos. O sistema social racional eleva o homem ‘no conhecimento de sua própria natureza, humana e social’, e tenta reconciliá-la com a existência. Um otimismo inquebrantável sustenta a teoria de Owen. O sistema racional não apenas se aproxima a grandes passos, como acabará se impondo pelo irresistível poder da verdade, da evidência e do amor. Uma mudança total arrancará as raízes do erro e da ignorância”. (p. 30 e 31 de RUSS)

Agindo nas circunstâncias, Owen cria uma colônia em New Lanark. A despeito do sucesso da colônia, chega a conclusão de que as pessoas que ali se encontravam era, na realidade, seus escravos e promove uma mudança radical no pensamento para o comunismo da propriedade – o que lhe rende fracassos e dissabores (“Ao abraçar o comunismo, a vida de Owen transformou-se radicalmente. Enquanto limitara a agir como filantropo, colheu riquezas, aplausos, honrarias e fama. Era o homem mais popular da Europa” – Engels, “O Anti-Düring”): “Owen chega finalmente ao seguinte resultado: tendo decidir agir sobre as circunstâncias e orientar a educação, ele transformou seus operários em seres normais, mas rapidamente compreendeu os limites de sua ação. Os que trabalhavam para ele ainda eram seus escravos. Owen, figura pública, festejada, admirada (todos vão a New Lanark contemplar sua obra), resolve ir além de sua primeira experiência. A propriedade privada lhe aparece,

desde então, em sua irracionalidade” (p. 33 de RUSS). Elege os três pilares que entende podres na sociedade: propriedade privada, casamento e religião.

“Se o trabalho, fonte de toda a riqueza, é objeto de um roubo na sociedade burguesa, se esta se caracteriza por um egoísmo generalizado e pela irracionalidade da acumulação individual, o sistema cooperativo parece mais de acordo com a justiça e a moral. Em aldeias comunitárias de 1200 pessoas desapareceriam oposição e antagonismo. Trabalho, despesas, instrução ficariam a cargo da obra coletiva. Não mais ‘desperdício em esforços vãos’. Esse tipo de experiência, aliás, deve-se universalizar (...) O projeto não obtém nenhum sucesso. A ‘sociedade oficial’ recusa, evidentemente, dar apoio a Owen. A experiência de New Harmony irá nascer dessa rejeição” (p. 35 de RUSS).

Em New Harmony, cada um tende a explorar o outro ao máximo possível e o dinheiro vira o símbolo da degradação daquela comunidade. Além do otimismo, é clara a percepção na visão de Owen de um certo messianismo.

No texto de Engels (Anti-Düring) são destacados os primeiros jardins de infância (creches) para os filhos dos trabalhadores, esforço para a primeira lei inglesa de regulamentação do trabalho da mulher e dos menores nas fábricas. Destaca ainda as cooperativas de trabalho e de produção, que dão direito a um vale trabalho, permutado pelos produtos de trabalho e funcionavam. Tais estabelecimentos, embora demonstrassem a inutilidade do comerciante e fabricante e fossem superiores ao vale trabalho proudhoniano trocado em bancos de intercâmbio, estavam fadados ao fracasso. Não buscavam como na fórmula proudhoniana servir de panaceia de todos os males, mas seriam “pura e simplesmente, um primeiro passo para a transformação radical da sociedade”

## **SAINT-SIMON -**

“Passemos agora à doutrina: os escritos de Saint-Simon formam uma obra labiríntica onde se entrecruzam todos os fios do pensamento moderno, obra dificilmente redutível a uma análise unidimensional. Saint-Simon não é somente o iniciador de uma certa corrente socialista, mas também o pai de um tecnocratismo. Sua posteridade complexa reflete o caminho que ele seguiu e suas múltiplas imbricações. Todavia, parece que a tese da primazia da produção, espoliada pelos ociosos e parasitas de todo tipo, unifica esse conjunto complexo. A sociedade repousa na indústria – esta a ideia central de Saint-Simon” (p. 91)

Ao fazer a comparação entre a revolução nos Estados Unidos e a francesa, conclui que a primeira teria sido mais fortemente baseada e dado maior ensejo à ideia de igualdade. Em grande parte atribui tal fato de que, posteriormente, houve um afastamento do estado com a maior participação da sociedade na construção da igualdade. Diz que o EUA são uma democracia fundada no trabalho. Ao invés de se valer do estado e de sua letargia – formado também por ociosos -, os EUA devotam-se à indústria e à liberdade individual. Percebe-se que o socialismo utópico de Saint-Simon. A sociedade deve trabalhar, não devendo valer nunca o gozo do ocioso. Produção, no entanto, é um conceito amplo, que designa toda criação social,

toda produção pela qual se opera a humanização da natureza. Ela deve-se realizar da forma mais livre possível, sem interferência do estado de inoperantes, para que a humanidade se realize na sua plenitude. As nações têm um único imperativo que é garantir a indústria, que tudo gera, inclusive os valores éticos de uma sociedade (obra “A indústria” de Saint-Simon). Portanto, se o trabalho tudo gera, deve-se acabar com a exploração da classe trabalhadora em detrimento de uma pequena classe que detém vantagens injustificadas. O Estado também faz parte destes ociosos que tiram vantagens da classe trabalhadora.

Na obra “O organizador”, escrita com Augusto Comte: “Suponhamos que a França perdesse subitamente seus cinquenta maiores físicos, seus cinquenta maiores químicos, seus cinquenta maiores fisiologistas ... e outros tantos de diversas categorias não citadas, os mais capazes nas ciências, nas belas artes e nas artes e ofícios (...); a nação se tornaria um corpo sem alma no mesmo instante em que os perdesse”. No entanto, se perdesse, no mesmo dia, oficiais, ministros, conselheiros de estado, “disso não resultaria nenhum mal político para o Estado” (p. 17-21 do tomo II).

Nesta organização da produção, em especial a partir de 1818, irá se preocupar em especial com a posição da “classe mais numerosa e mais pobre”. Luta de classes e produção aparecem ainda que de forma incipiente nas obras de Saint-Simon.

No final de tudo, o estado, ente constituído pelos ociosos, irá desaparecer, sendo que haverá maior liberdade e igualdade na realização da produção, da indústria. Defende por fim um novo cristianismo, em que os desígnios cristãos seriam realmente voltados para o atendimento dos mais pobres e miseráveis. Trata-se de um trabalho para a existência das recompensas divinas não no céu, mas no plano terrestre.

“O jogo econômico, as luzes e o amor levarão à administração das coisas” – p. 102.

“Por isso, no espírito de Saint-Simon, antagonismo entre o Terceiro Estado e os setores privilegiados da sociedade tomou a forma de um antagonismo entre ‘trabalhadores’ e ‘homens ociosos’. Os ociosos eram não só os antigos privilegiados, mas também os que viviam de suas rendas, sem interferir na produção nem no comércio. No conceito de ‘trabalhadores’ não entravam somente os operários assalariados, mas também os industriais, os comerciantes, os banqueiros. Que os ociosos haviam perdido os títulos que os capacitavam a dirigir espiritualmente e a governar politicamente o país era um fato evidente que a revolução tinha evidenciado de modo definitivo. (...) Então, quem havia de dirigir e governar a nação? Segundo Saint-Simon a ciência e a indústria, unidas por um novo laço religioso destinado a restaurar a unidade das ideias religiosas destruída desde a Reforma, um novo ‘cristianismo’ forçosamente místico e rigorosamente hierárquico. Mas a ciência eram os sábios acadêmicos e a indústria em primeiro lugar, os burgueses ativos, os fabricantes, os comerciantes, os banqueiros. E esses mesmos burgueses, segundo as concepções de Saint-Simon, haveriam de transformar-se numa espécie de funcionários públicos, de agentes sociais, mas conservariam, sempre, diante dos operários, uma posição autoritária e economicamente privilegiada. Os banqueiros, principalmente, seriam chamados a regular toda a produção social por meio de uma regulamentação do crédito. Esse modo de conceber a sociedade correspondia perfeitamente a

uma época em que a grande indústria e, com ela o antagonismo entre a burguesia e o proletariado começa a despontar na França. Saint-Simon, não obstante, insiste em que o que preocupa sempre, em primeiro lugar, é a sorte da ‘classe mais numerosa e pobre’ da sociedade” (ENGELS, Anti-During).

CHARLES FOURIER –

Apesar de ser colocado ao lado de Saint-Simon, tem menos do iluminismo no seu pensamento. Assim como, em 1831, se coloca frontalmente contra esse no texto “Armadilhas e charlatanismo das seitas de Saint-Simon e Owen”.

Alguns de seus principais livros: “Teoria dos quatro movimentos”, “Tratado da associação doméstica e agrícola” e “A falsa indústria fragmentada, repugnante e mentirosa”.

“O grande princípio de Fourier é a necessidade de satisfação das paixões humanas, todas elas sendo boas e não devendo ser contrariadas” (p. 103).

“Mudar a sociedade é, primeiramente, tornar-se possível o desabrochar do impulso vital e das paixões” (p. 104).

Há necessidade que nos libertemos das amarras do veneno da civilização, sendo o homem, universo e deus uma única coisa.

Um dos grandes responsáveis pela atitude repressiva da humanidade é a desmesurada ambição mercantil. Daí emerge a sua aversão ao comércio: “Nutri por ele uma aversão secreta e fiz, aos sete anos, o juramento que Aníbal fez aos nove contra Roma: jurei ódio eterno ao comércio” (Phalange, p. 9). O comércio é o terreno do mal moral, onde se encontram vícios que se voltam contra os trabalhadores e consumidores (cupidez mercantil).

A indústria por seu turno também é um gérmen de falsidade, de ilusões e contradições. Também conspira contra as paixões humanas.

É interessante que associa a decadência da humanidade ao aviltamento da condição das mulheres na sociedade: “em tese geral, os progressos sociais ... operam-se proporcionalmente ao decréscimo de liberdade das mulheres” (p. 132 da obra “Teoria dos quatro movimentos”).

Coloca-se frontalmente contra o casamento burguês, como forma de atentado também contra as paixões humanas, como algo antinatural.

Fala de seus falanstérios, onde as pessoas se reuniam em na busca de seus prazeres, sem repressão às suas emoções. Cultiva prazeres como a boa mesa e o próprio dinheiro.

“O que, em Saint-Simon, é uma profundeza genial de visão, que lhe permite conter, em germe, todas as ideias não estritamente econômicas dos socialistas posteriores é, em Fourier, a crítica sutil do francês autêntico, crítica engenhosa, mas nem por isso menos profunda das condições sociais existentes. Fourier surpreende, pela palavra, a burguesia, aos seus ardorosos profetas

pré-revolucionários e seus adutores de após-revolução. Despe impiedosamente a miséria material e moral do mundo burguês e compara-o com as promessas tentadoras dos racionalistas, com a sua imagem da sociedade – em que só a razão predominaria, em que a civilização faria todos os homens felizes e a capacidade humana de perfeição superaria todos os obstáculos, - e com as brilhantes palavras dos ideólogos burguesas da época. (...) A loucura de especulação, que se acentua com o refluxo da onda revolucionária e a mesquinhez do comércio francês daqueles anos aparecem desenhados em sua obra com traços maravilhosos e cativantes. Ele se torna ainda mais formidável na crítica das relações entre os sexos e da oposição da mulher na sociedade burguesa. É o primeiro a proclamar que o grau de emancipação da mulher numa sociedade é o barômetro natural pelo qual se mede a emancipação geral” (ENGELS, “Anti-Düring”).

PROUDHON –

FAZER A LEITURA DE INTERLOCUÇÃO DE MARX COM PROUDHON A PARTIR DO TEXTO “A MISÉRIA DA FILOSOFIA – RESPOSTA À FILOSOFIA DA MISÉRIA DE PROUDHON” (TRAD. PAULO FERREIRA LEITE, SÃO PAULO: CENTAURO, 2001).

Percebe-se que Proudhon se trata de autor, em certa parte, mais sofisticado que os anteriores, especialmente na obra “A filosofia da miséria”, na medida em que trava um diálogo com a economia política – embora refutando algumas de suas premissas.

Assim, é interessante verificar a primeira passagem destacada por Marx em “A filosofia da miséria” referente à oposição entre o valor de uso e o valor de troca: “A capacidade que têm todos os produtos, quer naturais, quer industriais, de servir para a subsistência do homem chama-se especialmente valor de utilidade; a capacidade que têm de ser trocados entre si, valor de troca ... Como chega a converter-se o valor de utilidade em valor de troca?... A gênese da ideia do valor (de troca) não tem sido tratada pelos economistas com a atenção suficiente; é importante que nos detenhamos nela. Visto que, entre os objetos de que preciso, uma grande parte só existe na natureza em quantidade limitada ou inclusive nem sequer como não posso ocupar-me de tantas coisas proporei a outros homens, colaboradores meus em funções diversas, que me cedam uma parte dos seus produtos em troca do meu” (p. 29)

Marx diz que, diferentemente dos economistas políticos, Proudhon incide em equívocos como: fazer coincidir valor de troca com divisão social do trabalho e de uma leitura tautologia de valor de troca e em fórmulas vazias. Fala que a situação, ao colocar a situação no plano da oferta e da procura dá uma robisonada: “Depois de haver apresentado a abundância como o valor útil e a escassez como o valor de troca - nada mais fácil do que demonstrar que a abundância e a escassez estão em razão inversa -, o Sr. Proudhon identifica o valor útil com a oferta e o valor de troca com a procura” (p. 35). “Em última análise, a oferta e a procura põem em presença a produção e o consumo, mas a produção e o consumo baseados em trocas individuais” (p. 37)

“Depois de ter eliminado os gastos da produção e a concorrência, o Sr. Proudhon já pode a seu gosto reduzir ao absurdo a fórmula da oferta e da procura” (p. 38)

CRÍTICA: ao atentar para o que Ricardo já tinha atentado, na tentativa de definir valor relativo – mensurado pelo de tempo de trabalho despendido para realizar a produção de um bem dado -, ao invés de avaliar os aspectos negativos que isso produz na ótica do capitalismo, acredita que tenha encontrado a fórmula para a emancipação do proletariado. Bastaria fazer a contabilidade do valor relativo, para se pagar o que é justo ao trabalhador. Em síntese, bastaria realizar uma equação referente ao valor da força de trabalho para que se pudesse revolucionar a situação do trabalhador. É a velha solução que sempre propugna do vale trabalho a partir da produção do trabalhador, trocada em uma instituição bancária. Com isto, por exemplo, também bastaria o salário justo a partir de uma noção de proporcionalidade. No entanto, esquece-se que se trata de uma relação sempre em movimento.

“Mas nem sequer a aplicação ‘igualitária’ dessa fórmula pertenceria ao Sr. Proudhon? Não terá sido ele o primeiro a imaginar a reforma da sociedade com a transformação de todos os homens em trabalhadores imediatos, trocando quantidades de trabalho iguais? E caberá a ele censurar os comunistas – gente desprovida de qualquer conhecimento de economia política, ‘homens obstinadamente estúpidos’, ‘esses sonhadores paradisíacos’ – por não encontrado, antes dele, essa ‘solução do problema do proletariado’?” (p. 62)

“Quem quer esteja um pouco familiarizado com o movimento da economia política na Inglaterra não pode ignorar que quase todos os socialistas desse país propuseram, em diferentes épocas, a aplicação igualitária da teoria de Ricardo” (p. 62) E cita Thompson e Bray. Deste segundo há inclusive citação longa a seguir em que fala em retribuição igual para quantidade de trabalho igual, mesmo que intelectual ou braçal (p. 64)

CRÍTICA À P. 69: É uma solução individualista. O que se fará com as horas de trabalho de sobra não recompensadas por parte de alguém: “Pois bem! A troca de quantidades iguais de trabalho, que nos deu ela? Superprodução, depreciação, excesso de trabalho seguido de desemprego ...”

O trabalhador faz o que lhe aprouver com o número de horas não trabalhadas, sendo que da concorrência no capital passa-se à concorrência entre trabalhadores – o que, em última análise, somente aprofunda a lógica do capital.

“O Sr. Bray não vê que essa relação igualitária, esse ideal corretivo, que desejaria aplicar ao mundo, não passa do reflexo do mundo atual, e que por conseguinte é inteiramente impossível reconstituir a sociedade numa base que não passa de uma sombra embelezada de si mesma. À medida que a sombra volta a ser corpo, vê-se que esse corpo, longe de ser a transfiguração sonhada é o corpo atual da sociedade” (p. 71).

Depois vem a crítica à solução pela mera elevação dos salários (p. 91)

Crítica da “dialética” promovida pelo Sr. Proudhon que se reduz a uma equação simples: o lado bom e o lado ruim das coisas, uma vantagem e uma desvantagem em elementos existentes no capitalismo. A solução seria simples: preservar o lado e afastar o ruim. O lado bom estaria relacionado à possibilidade de o instituto cotejado (concorrência, divisão do trabalho) efetivar

a igualdade. (A partir de Proudhon, “de agora em diante, o lado bom de uma relação econômica é aquele que afirma a igualdade; o lado mau é aquele que a nega e afirma a desigualdade” (p. 106). Uma verdadeira diminuição do método. Outro elemento em constante disputa na crítica aos economistas políticos também se apresenta na crítica aos socialistas utópicos. Para os primeiros uma eternização do capital, para os segundos um socialismo que não se submete às intempéries da história (também como se houvesse um socialismo constante, imutável, eterno).

FINAL – Embora vencido na teoria do valor trabalho, que se encontra superada nas discussões atuais da economia, há elementos da economia política que, traduzidas na confusão entre forma e essência promovida por esta própria economia política, continuam reinando na economia atual (ex: o preço do salário a partir da escassez ou não do trabalho). Nestes casos, a nossa crítica continua presente a confrontar os resquícios da confusão aparência/essência deixados pela economia política. Da mesmas formas, há resquícios deixados pelo socialismo utópico que merecem ser atacados (ex: a manutenção do lado bom de construções típicas do capitalismo – ex. Proudhon e os pontos positivos e negativos da concorrência). Há críticas, decorrentes destas reminiscências, que são próprias a cada um destes campos, e há outras que são comuns a ambos (por exemplo, a supressão, nas duas esferas, do método materialismo histórico dialético – que, aliás, responde inclusive às particularidades antes mencionadas).